

**A EMANCIPAÇÃO DA MULHER RURAL POR MEIO DA MARCHA DAS MARGARIDAS:  
UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DO EVENTO DE LETRAMENTO CRÍTICO**

*LA EMANCIPACIÓN DE LAS MUJERES RURALES A TRAVÉS DE LA MARCHA DE LAS  
MARGARITAS: UN ANÁLISIS DESDE LA PERSPECTIVA DEL EVENTO DE LITERACIDAD  
CRÍTICA*

Alyssandra Viana FONSECA<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Ceará  
alyssandraviana01@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-2132-072X>

Camila Miranda MACHADO<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Ceará  
camila.machado@uece.br  
<https://orcid.org/0000-0002-7856-5357>

Cícero Anastácio Araújo de MIRANDA  
Universidade Federal do Ceará  
cicero.miranda@ufc.br  
<https://orcid.org/0000-0002-7799-2920>

**RESUMO:** A *Marcha das Margaridas* compreende um movimento político e social, realizado a cada 4 anos em Brasília, que põe em discussão a garantia dos direitos das mulheres do campo, das águas e da floresta. Em preparação para essa mobilização, eventos são promovidos em nível estadual e regional, de modo a conscientizar o público feminino sobre a importância da participação e das pautas reivindicadas. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva analisar uma oficina regional em preparação para a *Marcha das Margaridas 2023*, realizada no interior do Rio Grande do Norte, sob a perspectiva das práticas e eventos de letramento crítico. Teoricamente, ancoramo-nos em estudos do letramento como prática social, sob uma perspectiva crítica (Street, 2014; Kleiman, 1995, 2005; Freire, 2001; Cassany e Castellá, 2010). Metodologicamente, o estudo se insere no campo das pesquisas em Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006) e adota abordagem de dados qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994), com viés etnográfico (Chizzotti, 2006; Angrosino, 2009). O *corpus* de análise se constitui de observações de campo, de fotografias e de textos discutidos na referida oficina. Em termos de análise de dados, utilizamos as categorias propostas por Hamilton (2000). Como resultados, evidenciamos que as discussões realizadas durante a oficina a caracterizam como um evento de letramento crítico, na medida em que potencializam reflexões acerca das possibilidades de emancipação da mulher rural e as formas de enfrentamento à violência e ao sexismo.

**Palavras-chave:** mulheres em espaços rurais; emancipação feminina; evento de letramento crítico; *Marcha das Margaridas*.

<sup>1</sup> Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

<sup>2</sup> Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**RESUMEN:** La *Marcha de las Margaritas* es un movimiento político y social, que se realiza cada 4 años en Brasilia, que discute la garantía de los derechos de las mujeres en el campo, el agua y los bosques. En preparación a esta movilización se promueven eventos a nivel estatal y regional, con el fin de sensibilizar a las mujeres sobre la importancia de la participación y las demandas que se plantean. Desde esta perspectiva, este trabajo tiene como objetivo analizar un taller regional de preparación para la *Marcha das Margaritas 2023*, realizado en el interior de Rio Grande do Norte, desde la perspectiva de prácticas y eventos de literacidad crítica. Teóricamente, nos anclamos en estudios de la literacidad como práctica social, desde una perspectiva crítica (Street, 2014; Kleiman, 1995, 2005; Freire, 2001; Cassany y Castellá, 2010). Metodológicamente, el estudio se enmarca en el campo de investigación en Lingüística Aplicada (Moita Lopes, 2006) y adopta un enfoque de datos cualitativos (Bogdan; Biklen, 1994), con una perspectiva etnográfica (Chizzotti, 2006; Angrosino, 2009). El *corpus* de análisis está compuesto por observaciones de campo, fotografías y textos discutidos en el taller mencionado. En términos de análisis de datos, utilizamos las categorías propuestas por Hamilton (2000). Como resultados, demostramos que las discusiones realizadas durante el taller lo caracterizan como un evento de literacidad crítica, ya que promueven reflexiones sobre las posibilidades de emancipación de las mujeres rurales y las formas de enfrentamiento de la violencia y el sexismo.

**Palabras clave:** mujeres en áreas rurales; emancipación femenina; evento de literacidad crítica; *Marcha de las Margaritas*.

## INTRODUÇÃO

As investigações no âmbito da Linguística Aplicada, em sua etapa pós emancipatória, como defende Rajagopalan (2003; 2021), tem como característica na sua natureza aplicada a análise e interpretação de objetos de estudo que dialogam com vivências e experiências de sujeitos nas mais diversas esferas sociais.

Essas pesquisas, nesse contexto, apresentam caráter híbrido, mestiço e in/transdisciplinar, dialogando com outras correntes teóricas e áreas de estudo, como a Sociologia, a Geografia e a Antropologia (Moita Lopes, 2006), ultrapassando a concepção, muitas vezes, individual e pouco colaborativa do processo de ensino da leitura e escrita, característico da alfabetização (Kleiman, 2005).

Esses diálogos se instauram e aprofundam as compreensões acerca das práticas de uso da linguagem desenvolvidas em situações reais de interação na sociedade e se alinham ao que propõe Moita Lopes (2006, p. 96), ao destacar que “se quisermos saber sobre linguagem e vida social nos dias de hoje, é preciso sair do campo da linguagem propriamente dito”. Nesse cenário, adentra-se em ambientes nos quais as práticas de leitura e escrita desempenham funções efetivamente relevantes nas vidas dos sujeitos que as utilizam em sociedade. Isso possibilita a experimentação de rotinas (Moita Lopes, 2006) de letramentos ainda pouco visibilizados e valorizados.

No âmbito rural, por exemplo, inúmeras práticas de letramento são desenvolvidas por agricultores e agricultoras familiares, realizadas tanto em suas atividades de trabalho, quanto em atos políticos. Isso porque, a luta por direitos básicos, como previdência e incentivos governamentais, nesse

setor, é marcada por alguns movimentos políticos, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), o Festival Nacional da Juventude Rural e o movimento da Marcha das Margaridas, organizados, entre outros órgãos, pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG).

No caso da Marcha das Margaridas, esse evento compreende um movimento político e social, composto por mulheres do campo, da floresta e das águas, que ocorre a cada 4 anos em Brasília, desde os anos 2000, realizado tanto para o alcance, quanto para a reafirmação dos direitos das mulheres em relação às políticas e ações voltadas para a igualdade de gênero e étnico-racial, além de tratar sobre a violência e suas formas de enfrentamento por essas mulheres.

Para realização dessa ação, algumas oficinas são propostas a nível estadual, em diferentes regiões, de modo a preparar e conscientizar as envolvidas sobre a importância da luta e participação. Neste contexto, este trabalho objetiva analisar uma oficina regional em preparação para a Marcha das Margaridas 2023, realizada no interior do estado do Rio Grande do Norte, sob a perspectiva das práticas e eventos de letramento crítico.

## LETRAMENTOS, PRÁTICAS E EVENTOS DE LETRAMENTO

O uso do termo letramento, no Brasil, ganhou destaque na Educação e nas Ciências Linguísticas apenas na segunda metade dos anos 1980 (Soares, 2009), sendo registrado na obra *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística* (1986), de Mary Kato, um dos primeiros usos do vocábulo.

Na esteira desses estudos, em 1988, Tfouni, no livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*, realiza uma distinção do termo “letramento” da prática de alfabetização, o que faz com que aquele ganhe um estatuto mais técnico e passe a ser utilizado em outras publicações, com nova carga semântica, como se observa nas produções de Kleiman (1995) e Soares (1998).

A escrita, nessa nova perspectiva, deixa de ser mero processo de codificação e decodificação e passa a ser analisada do ponto de vista das consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas e linguísticas, tanto para o grupo social em que seja introduzida, como para o indivíduo que aprenda a usá-la (Soares, 2009). Em outros termos:

[...] do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever - *alfabetizar-se*, deixar de ser *analfabeto*, tornar-se *alfabetizado*, adquirir a "tecnologia" do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita - tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou *condição* em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O "estado" ou a "condição" que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por *literacy* (Soares, 2009, p. 18, grifos do autor).

Esse conhecimento, desse modo, vai além do uso do código linguístico com fins educacionais e acadêmicos para a realização de tarefas escolares, ou seja, está relacionado com o envolvimento efetivo do sujeito em práticas sociais de uso da leitura e da escrita, com funções e significações reais para alcance de objetivos em domínios como o interpessoal, o laboral e outros. O letramento, nessa perspectiva, se caracteriza como uma prática social, um fenômeno plural e situado que extrapola os limites da escola (Kleiman, 1995).

Esse fenômeno compreende um processo contínuo ao longo da vida, que representa, demanda e amplia-se por meio de diferentes tipos e níveis de habilidades e conhecimentos que são desenvolvidos por meio das mais diversas práticas de leitura e escrita. Daí o uso mais adequado do termo ser “letramentos”, no plural, haja vista essa característica de heterogeneidade.

Nessa direção, Street (2014), apoiando-se nos Novos Estudos do Letramento (*NLS - New Literacy Studies*) sugere a análise desses letramentos pela perspectiva da multiplicidade, a partir do contexto social de produção e de uso dos discursos, ao propor o modelo ideológico de letramento. Diferentemente do modelo autônomo que aborda o letramento como uma realização individual, esse modelo ideológico considera a dimensão social das práticas letradas e, dessa forma, se preocupa com os inúmeros ambientes por meio dos quais esse processo se realiza e não somente com as instituições formais de ensino (Street, 2014).

O autor considera, inclusive, que

se quisermos entender a natureza e os significados do letramento em nossas vidas, precisamos então de mais pesquisas focadas no letramento na comunidade – neste sentido mais amplo – e nas implicações ideológicas e não tanto educacionais das práticas comunicativas em que eles se inserem (Street, 2014, p. 144).

Partindo dessa concepção, observa-se a importância de os estudos em letramento destacarem os diversos usos da leitura e da escrita em sociedade, para além das atividades desenvolvidas em sala de aula. Para Kleiman (2005), isso se faz relevante na medida em que a escrita faz parte da paisagem cotidiana e permeia as atividades de grande parte da população, como, por exemplo, na leitura de anúncios fixados em pontos de ônibus, no trabalho e no serviço público ou na elaboração, manual ou digital, de uma lista de compras no âmbito comercial.

Esses usos são comprovados, segundo Street (2014, p. 125), por meio de algumas pesquisas etnográficas desenvolvidas nos Estados Unidos, que apresentam as “[...] ricas variedades de letramento fora da escola e dos processos de aprendizagem formal e de sua importância para a identidade das pessoas e suas posições na sociedade”. Nessa perspectiva, não é somente o professor que pode assumir a posição de agente de letramento, isto é, de agente mobilizador de recursos, capacidades e conhecimentos socialmente relevantes (Kleiman, 2006).

Para corroborar essa concepção, trazemos à baila, Silva Filho e Rodrigues (2012) que destacam que qualquer agente humano pode se constituir como um agente de letramento, desde que medie, em eventos de letramento, práticas de aprendizagem com e/ou sobre usos reais da língua. Os conhecimentos compartilhados se voltam para práticas de letramento, ou seja, de leitura e escrita, que contribuirão para a vida desses sujeitos em sociedade.

Essa perspectiva traz à tona dois conceitos importantes para a área e para este estudo, os quais apresentamos a seguir, a saber: os eventos de letramento e as práticas de letramento.

Para Heath (1982, p. 93), um evento de letramento é “qualquer situação em que um portador qualquer de escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação”. Já as práticas de letramento, para Barton (1993, p. 07), “são os modos culturais gerais de usar a leitura e a escrita que as pessoas produzem num evento de letramento”.

Nessa perspectiva, enquanto o evento de letramento é considerado algo observável, em uma situação de interação mediada pelo texto escrito, as práticas de letramento não são, de modo direto, atividades observáveis, isso porque também envolvem valores, atitudes, sentimentos e relações sociais (Marinho, 2010). Ou seja, esses eventos além de incluírem atividades situadas e artefatos, mobilizam, em sua realização, diferentes agentes, saberes e habilidades, assim como sintetiza o quadro abaixo (quadro 1) em relação a seus elementos constitutivos.

Quadro 1 – Elementos constituintes dos eventos e práticas de letramento

Elementos visíveis nos eventos de letramento	Constituintes não visíveis das práticas de letramento
<b>Participantes:</b> pessoas que podem ser vistas interagindo com textos escritos.	<b>Participantes ocultos:</b> outras pessoas ou grupos de pessoas envolvidas em relações sociais de produção.
<b>Ambientes:</b> circunstâncias físicas imediatas nas quais a interação ocorre.	O <b>domínio</b> de práticas dentro das quais o evento acontece, considerando seu sentido e propósitos sociais.
<b>Artefatos:</b> ferramentas materiais e acessórios envolvidos na interação (incluindo os textos).	Todos os outros recursos trazidos para a prática de letramento, incluindo valores não materiais, compreensões, modos de pensar, sentimentos, habilidades e conhecimentos.
<b>Atividades:</b> ações realizadas pelos participantes no evento de letramento.	Rotinas estruturadas e trajetos que facilitam ou regulam ações: regras de apropriação e legibilidade, quem pode ou não se engajar em atividades particulares.

Fonte: Hamilton (2000, p. 17).

Se levarmos em consideração a definição de Oliveira, Tinoco e Santos (2014, p. 21), sobre esses eventos de letramento, constatamos que não é difícil identificar os elementos que o constituem e como eles se constituem. Isso porque, para as autoras, eles correspondem “[...] uma situação qualquer em que uma pessoa ou várias estejam agindo por meio da leitura e da escrita”.

Como exemplos dessas situações, podemos citar os trabalhos em nível de mestrado de Silva (2016), Silva (2021) e Fonseca (2023) e de doutorado de Costa (2019). Esses estudos tratam,

respectivamente, das práticas de letramento desenvolvidas por Agentes Comunitários de Saúde, professores da classe hospitalar, agricultores familiares e técnicos em segurança no trabalho, apontando quais são os agentes diretamente envolvidos em interações linguageiras no desenvolvimento de suas atividades laborais, bem como as atividades desenvolvidas e os artefatos utilizados por esses trabalhadores e profissionais.

Percebemos, portanto, a partir do até aqui descrito, como todo e qualquer evento de letramento pode ser analisado, inclusive os vernaculares (Hamilton, 2000), que não têm tanta visibilidade e valorização, muito por consequência da sociedade que estigmatiza determinados grupos e classes sociais, seja por suas condições socioeconômicas, sua raça, gênero e/ou etnia.

Esses grupos vêm sendo objeto de investigações que discutem as diversas formas de enfrentamento a essas situações, o que inclui a abordagem e os estudos dos letramentos sob um viés crítico, destacados na subseção a seguir.

## LETRAMENTO CRÍTICO E EMANCIPATÓRIO

O letramento crítico e a leitura crítica tiveram três grandes influências: a teoria social crítica, a pedagogia crítica e o pós-estruturalismo. A primeira, segundo Cervetti, Pardales e Damico (2001), destaca que as lutas contínuas da sociedade pela posse do conhecimento, poder, status e recursos materiais são empreendidas por grupos desiguais. Ou seja, alguns grupos têm vantagem nessas lutas já que mantiveram o controle sobre ideologias, instituições e práticas da sociedade. Para os estudiosos da área, essas desigualdades podem ser expostas por meio justamente da crítica e podem ser reconstruídas, em parte, por meio da linguagem.

A segunda influência na construção do termo letramento crítico está diretamente relacionada à pedagogia crítica (Cassany; Castellá, 2010), um campo de estudo amplamente explorado por diversos teóricos, com destaque no Brasil a Paulo Freire, que propôs a educação como prática da liberdade, defendendo que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e que a alfabetização deve promover a conscientização e a transformação social. Em suas palavras: “a compreensão do texto a ser alcançada por uma leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (Freire, 2001, p. 11).

Assim, nessa perspectiva, para realmente entender um texto de forma crítica, é necessário analisá-lo em relação às condições sociais, políticas e ideológicas que o rodeiam. Isso significa questionar quem escreveu, por que escreveu, para quem escreveu e quais ideias ou interesses estão por trás do discurso.

Cassany e Castellá (2010) mencionam, ainda, que foi a partir dos trabalhos de Freire (2001) que diferentes movimentos políticos, como o feminismo, a luta contra o racismo, o nacionalismo e o pós-colonialismo ganharam força e contribuíram para o desenvolvimento da criticidade dos envolvidos, ao

darem espaço às vozes dos oprimidos, com a intenção de promover uma consciência social mais igualitária, ou menos marcada pela injustiça, dentro de uma perspectiva emancipatória.

Corroborando com essa visão, Knoblauch e Brannon (1993) afirmam que tanto a Teoria Social Crítica quanto a pedagogia de Paulo Freire possuem o compromisso com a justiça e a igualdade como algo em comum, levando em consideração a análise crítica dos textos e da realidade como um passo fundamental para promover mudanças sociais.

Freire deu grande ênfase à ação e à alfabetização, desenvolvendo uma abordagem educacional que trouxe as reflexões da Teoria Social Crítica do campo filosófico para a prática educacional. Com isso, as decisões pedagógicas tomadas pelos professores e demais agentes formativos, tanto em sala de aula, quanto em outros espaços de ensino, não apenas influenciam o aprendizado dos alunos/sujeitos, mas também ajudam a moldar o futuro da sociedade como um todo.

No que diz respeito à terceira influência, Cervetti, Pardales e Damico (2001) afirmam que o letramento crítico também foi influenciado pelo pós-estruturalismo, principalmente por defender a ideia de que os textos não possuem significado algum em si mesmos, mas que os significados surgem em relação a outros significados e práticas que envolvem contextos sociopolíticos específicos. Consequentemente, os “[...] autores criam textos e os indivíduos os interpretam dentro de sistemas discursivos que regulam o que significa saber em um determinado ambiente” (Cervetti; Pardales; Damico, 2001, p. 8). Assim, tanto a produção quanto a leitura de um texto são afetadas por normas, ideologias e condições do contexto em que ocorrem. Ou seja, o conhecimento não é neutro, e sim construído socialmente.

Na esteira dessas discussões, os autores resumem as características do letramento crítico, apresentadas no quadro reproduzido abaixo.

Quadro 2 - Características do Letramento Crítico

<b>Conhecimento</b>	O que conta como conhecimento não é natural ou neutro; o conhecimento sempre é baseado nas regras discursivas de uma comunidade particular, e é, portanto, ideológico.
<b>Realidade</b>	A realidade não pode ser conhecida definitivamente, e não pode ser capturada pela linguagem; decisões sobre a verdade, portanto, não podem ser baseadas em uma teoria de correspondência com a realidade, mas devem ser feitas localmente.
<b>Autoria</b>	O significado textual é sempre múltiplo, contestado, cultural, historicamente situado, e construído dentro de relações diferenciais de poder.
<b>Objetivos instrucionais</b>	Desenvolvimento da consciência crítica.

Fonte: Cervetti; Pardales; Damico (2001, p. 12, tradução nossa)

A partir dessas características, concluímos que o conhecimento reflete valores e ideologias de grupos específicos e que a realidade não pode ser compreendida de forma absoluta, pois é sempre

mediada pela linguagem e pelo contexto. A produção e uso de textos refletem elementos de autoria e, por isso, apresentam múltiplos significados, que variam conforme a cultura, a história e as relações de poder.

O papel do letramento, sob um viés crítico, nesse sentido, é o de promover reflexões que contemplem a análise e influência desses elementos nas mais variadas produções discursivas de modo a contribuir, direta ou indiretamente, em transformações de cunho ético, político e social, de um modo geral.

## METODOLOGIA

O presente estudo se insere no campo das pesquisas em Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006) e adota abordagem de dados qualitativa (Bogdan; Biklen, 1994), com viés etnográfico (Chizzotti, 2006; Angrosino, 2009), pois lança luzes sobre a *Marcha das Margaridas*, uma manifestação social que tem potencialidade de impactar o cotidiano e a vida de milhares de mulheres por meio das pautas levantadas pelo movimento.

Nesse tipo de investigação, na Linguística, o pesquisador se insere no cenário investigado, observando como ocorre as relações no contexto social no qual os sujeitos estão inseridos, o que possibilita chegar mais próximo da realidade desses participantes. Ou seja, há uma tentativa de descrever tanto as questões culturais presentificadas em determinados grupos, quanto suas percepções acerca dessas questões, com o intuito de, segundo Chizzotti (2006), descrever práticas, artefatos e comportamentos, além de interpretar os significados presentes em interações sociais entre os membros da observação.

Assim, para compreender efetivamente as práticas de letramento desenvolvidas por mulheres do campo, das águas e das florestas, envolvidas em movimentos sociais reivindicatórios, é necessário se inserir no âmbito de suas atividades e participações em ações políticas vivenciando as rotinas e o processo de feitura de materiais e discussões por elas promovidas e propostas.

Nosso *corpus*, desse modo, se constitui de observações de campo, de fotografias e de textos discutidos, em 2023, durante a oficina regional do Seridó em preparação para a *Marcha das Margaridas* do referido ano. Esse evento foi realizado no Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do município de Acari, no interior do estado do Rio Grande do Norte (RN), e contou com a participação de mulheres moradoras de zonas rurais da referida região, inclusive a autora principal deste artigo.

À época, na condição de mestranda, a autora desenvolvia pesquisa com agricultores e

agricultoras do município sede dessa oficina<sup>3</sup> e acompanhou algumas das participantes do estudo nessa ação. Diante disso, considerando a relevância social do movimento em prol da defesa e conquista de direitos desse público, bem como a riqueza das atividades desenvolvidas no evento, despertou-se o interesse pelo tema e discussão da atividade academicamente, resultando na escrita deste trabalho.

Desse modo, a seleção de dados a serem analisados – observações de campo e fotografias – se justifica em razão de que, diferentemente das oficinas desenvolvidas na pesquisa de mestrado acima citada, a participação nesta atividade não estava prevista e não passou pela aprovação de um comitê de ética, o que impossibilitava a gravação de falas das participantes, de modo a ilustrar as vivências experienciadas nesse evento.

As observações de campo, nessa perspectiva, tratam-se das impressões e vivências da autora principal do estudo e as fotografias tanto compreendem registros pessoais, aos quais encontramos semelhantes no site da FETARN<sup>4</sup>, quanto de registros publicados pela própria FETARN e em redes sociais de figuras públicas vinculadas ao movimento feminista/rural. Apesar disso, nesses casos, asseguramos e preservamos a imagem dos sujeitos apresentados nas figuras utilizando tarjas e distorções, conforme as orientações da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde (Brasil, 2016) que trata da pesquisa envolvendo, direta e indiretamente, seres humanos, nas Ciências Humanas e Sociais.

Em termos de análise desses dados, apresentados na seção a seguir, utilizamos as categorias e concepções propostas por Hamilton (2000) em relação às práticas e eventos de letramento, sendo elas: participantes, ambiente/domínio, artefatos e atividades.

Cabe destacar, por fim, que a utilização de fotografias, nesse tipo de pesquisa, cujo foco incide na análise de eventos e práticas de letramento, se faz relevante na medida em que, por meio delas, é possível observar quem está usando textos escritos, onde e como, documentando diferentes aspectos do letramento e das interações sociais (Hamilton, 2000).

## ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, conforme anunciado, utilizaremos as categorias de Hamilton (2000) para a análise dos dados. Nessa perspectiva, a dividiremos em duas subseções, contemplando uma discussão sobre os participantes e o ambiente/domínio no qual o evento é desenvolvido, seguido das atividades realizadas e artefatos em uso, nessas ações.

---

<sup>3</sup> Trabalho intitulado *Letramento laboral de agricultores: cooperando saberes em práticas digitais de comercialização* (2023), aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número 59703122.4.0000.5537.

<sup>4</sup> Disponíveis em: <https://fetarn.org.br/polo-sindical-do-serido-recebe-as-cirandas-formativas-para-a-marcha-das-margaridas/>. Acesso em: 11 jun. 2025.

## PARTICIPANTES E AMBIENTE/DOMÍNIO

A luta pela diminuição das desigualdades sociais de gênero e étnico-raciais, bem como as mais diversas formas de enfrentamento das violências contra as mulheres, têm sido pauta de discussões em sociedade, haja vista ser um problema que perpassa as diferentes esferas, seja no lar, na igreja, na escola ou no trabalho. Nesse cenário, a *Marcha das Margaridas* e os eventos promovidos em processo de preparação para ela, compreendem mecanismos potencializadores da emancipação de mulheres contra o sexismo, o racismo e o feminicídio, em *domínios* como político, o econômico, o cultural e outros.

Essas ações são desenvolvidas em parceria com sindicatos, associações, federações e confederações de trabalhadoras(es) rurais com o intuito de munir a massa que compõe o movimento em termos de exposição de informações e conhecimentos atinentes aos seus modos de vida e participação em sociedade, além de reflexões acerca da importância das pautas propostas e reivindicadas pela Marcha, na edição em vigência.

Esses conhecimentos são relevantes na medida em que deixam a par as integrantes sobre o porquê de ir à Brasília a cada 4 anos e apresentar, junto ao governo, a força dessa classe e seu engajamento efetivo na busca pela garantia e conquista de direitos para aquelas(es) que vivem do/no campo, águas e florestas.

Na região do Seridó, interior do estado do Rio Grande do Norte, um desses eventos, promovidos em preparação para esse movimento, em 2023, aconteceu no dia 06 de junho do referido ano. Os *participantes* desta ação, intitulada de oficina, constituíram-se predominantemente de mulheres (figura 1), com exceção de alguns representantes de órgãos estaduais vinculados ao meio agrário.

Figura 1 – Participantes do evento regional das *margaridas* do/no Seridó



Fonte: Site da FETARN (2023).

Esse grupo de margaridas<sup>5</sup> compreenderam tanto aquelas que já haviam participado de marchas

<sup>5</sup> As mulheres participantes do movimento são chamadas de Margaridas pois tomam para si o papel e a

anteriores, quanto aquelas que iriam marchar pela primeira vez, são residentes em sítios, fazendas e assentamentos e têm como principal fonte de renda o trabalho desenvolvido no campo. Na ocasião, o *ambiente* do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais do município de Acari tomou a forma e as cores das margaridas, como ilustra as imagens abaixo, nas quais podemos observar as circunstâncias físicas onde as interações sociais foram estabelecidas entre as participantes a partir dos textos multimodais a serem debatidos, tal como propõe Hamilton (2000).

Figuras 2 e 3 - Espaço organizado para recepção das *margaridas* do/no Seridó



Fonte: Acervo pessoal (2023).

A construção desse espaço acolhedor contribuiu para proporcionar às participantes a imersão no movimento, por meio de um ambiente no qual elas se sentissem confortáveis para destacar quais as marcas que a marcha deixou em suas vidas, ou seja, se e como o movimento as ajudou a desenvolver e visibilizar sua voz e contribuiu em termos de emancipação e autonomia, inclusive financeira, perante a sociedade machista e capitalista na qual estamos inseridos e que, em muitos casos, faz com que elas sejam vistas como inferiores, inclusive intelectualmente.

As práticas de letramento desse grupo, nessa conjuntura são, por vezes, silenciadas e/ou ignoradas por aqueles que legitimam o conhecimento científico. Para Street (2014, p. 124), esses letramentos de povos não europeus, geralmente, “[...] foram desprezados pelos agentes de desenvolvimento que levaram as instituições e a escolarização ocidentais para diferentes partes do mundo”. Tal situação contribui para a invisibilização dos letramentos de pessoas de classes sociais economicamente desfavorecidas, além daqueles marginalizados por sua raça, etnia ou gênero.

No caso das mulheres, essa invisibilidade (junto com boa parte de sua atividade social) é um

---

representação da mulher paraibana e líder sindical Margarida Maria Alves, assassinada em 12 de agosto de 1983 por reivindicar os direitos das trabalhadoras rurais.

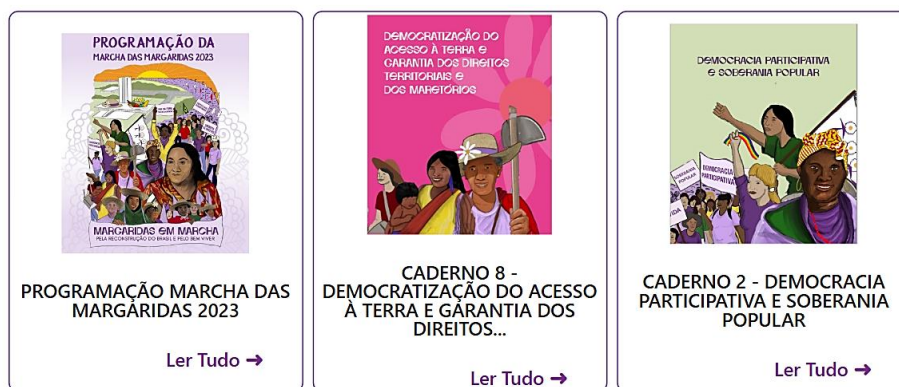
produto não só da sociedade patriarcal, mas também das definições e conceitos dominantes de letramento” (Street, 2014, p. 124). Nessa perspectiva, a desconstrução social da imagem da mulher rural, vista como aquela que cuida do lar e auxilia seu marido em atividades do campo, analfabeta e sem poder de escolha em decisões que afetam diretamente a sua vida, têm sido objeto de trabalho da Marcha.

## ARTEFATOS E ATIVIDADES

Essas margaridas, de todas as partes do Brasil, têm tido a oportunidade de participar de momentos de diálogo como esse, vivenciando práticas de letramento que são verdadeiramente significativas para suas vidas. Isso porque, as *atividades* de leitura e escrita promovidas por esse movimento, a exemplo das discussões de materiais educativos, realização de rodas de conversa, escrita e oralização de relatos de experiência, dentre tantas outras, se voltam para questões sociais e políticas em prol de melhorias para o bem viver delas. Para tanto, na oficina em análise, em termos de *artefatos*, ou seja, de ferramentas utilizadas nas ações desenvolvidas durante o evento de letramento (Hamilton, 2000), podemos destacar o uso de cartilhas propostas pela CONTAG, estas que foram projetadas em painel para o público. Esses materiais são ilustrados pela figura 4 que focaliza a programação e dois dos 14 (quatorze) cadernos educativos elaborados pelo movimento.

Figura 4 - *Print* da biblioteca de cartilhas da Marcha das Margaridas

### Cartilhas



Fonte: Site da Marcha das Margaridas (2025).<sup>6</sup>

Com esse material em mãos, a Secretária Estadual de Mulheres (figura 5) da Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Rio Grande do Norte (FETARN), realizou a apresentação da programação da Marcha das Margaridas 2023 e a leitura das pautas que seriam discutidas durante a manifestação, como a democratização do acesso à terra e a garantia dos direitos territoriais.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.marchadasmargaridas.org.br/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

Figura 5 - Apresentação de cartilhas e orientações gerais para a Marcha das Margaridas 2023



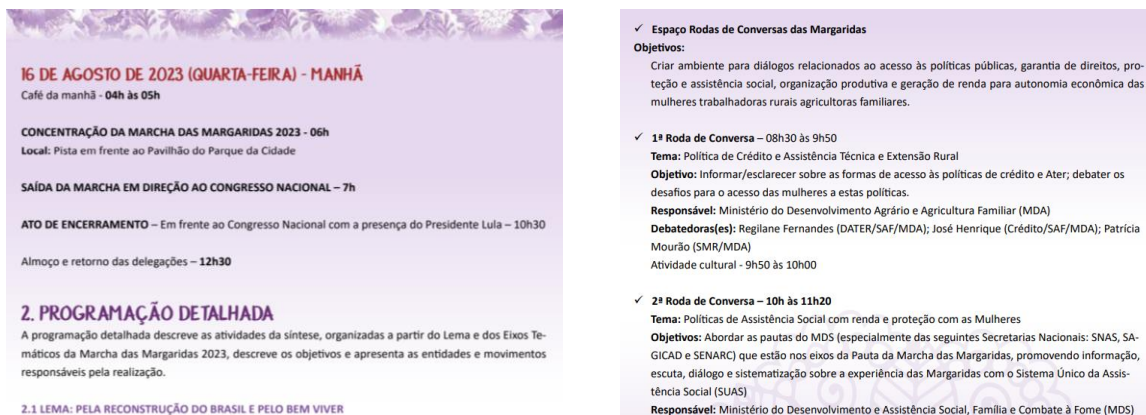
Fonte: Site da FETARN (2023).

Considerando que todas essas atividades são pensadas e permeadas por ideologias, compreensões, individuais e coletivas, e valores não materiais (Hamilton, 2000), cabe destacar a importância da apresentação da programação e a sua disponibilização online e com acesso aberto para esse público e sociedade em geral (figuras 6 e 7).

Isso porque, esse material apresenta como será realizado o movimento justificando a necessidade da presença delas e sua ausência no meio familiar e rural por alguns dias, já que, em alguns casos, tal ação/atitude tende a não ser vista com “bons olhos”, principalmente pela classe masculina. Para isso, esse artefato destaca todas as atividades que serão desenvolvidas em Brasília, que incluem plenárias, seminários, giros de conversa, tendas educativas de saberes populares e de programas de governo e bancos de financiamento rural, além de painéis e oficinas temáticas e uma mostra nacional das produções laborais de mulheres das mais diversas regiões do país, possibilitando mais visibilidade e alcance dos seus respectivos trabalhos.

Com isso, potencializa-se a desmistificação da possível interpretação, por parte de familiares, amigos e/ou conhecidos, de que as mulheres rurais que vão à Brasília realizam tal trajeto apenas para “passar”.

Figura 6 e 7 - Prints do arquivo da cartilha da programação



Fonte: Site da Marcha das Margaridas (2025).

Já a discussão da cartilha 8, por exemplo, foi e é voltada para as desigualdades que marcam a concentração fundiária e distribuição de terras no Brasil, principalmente para pardos, negros e mulheres, com base em dados respaldados e comprovados por órgãos como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A partir disso, é proposto alguns questionamentos, verbalizados na atividade em análise, que indagam como as questões levantadas no texto (da cartilha 8) são vividas (e sentidas) nos territórios pelas mulheres e quais seriam as propostas para superação desses desafios.

Além desses, outros questionamentos semelhantes, que incluíam temáticas de igual relevância, também foram propostos (figura 8), de modo a serem discutidos em pequenas rodas de conversa (figura 9) e, posteriormente, verbalizados na coletividade, em diálogo participativo.

Figura 8 – Proposição de roda de conversa



Fonte: Site da FETARN (2023).

Figura 9 – Roda de conversa



Fonte: Perfil de Instagram de vereadora currais-novense (2023).

Essas perguntas geradoras foram verbalizadas pela secretária de políticas sociais da FETARN e vice-presidente da referida instituição, que conduziu a realização da atividade. Destacamos abaixo, para ilustrar, o texto presente no slide:

*Quais as muitas marcas das Margaridas?  
Quais os maiores desafios das MARGARIDAS NOS POLOS?  
Como estamos caminhando no sentido da organização e participação do(s) polos na  
Marcha das Margaridas?* (Trecho de slide com orientação para realização de roda de  
conversa)

Esses questionamentos, mais situados, levaram as participantes a olharem para suas realidades e observarem quais são os desafios que elas, enquanto margaridas, enfrentam em suas comunidades, tanto em termos de julgamentos e não aceitação no engajamento da luta rural feminina, quanto em relação à organização dessas mulheres em seus polos. Assim, geraram respostas que abordaram como o movimento marcou as suas vidas, no que diz respeito as mais diversas formas de liberdade, e como elas se acolheram, mesmo em suas diferenças e particularidades, antes, durante e após a realização do evento, criando laços de amizade e sistematizando uma rede de apoio e companheirismo.

Com isso, sob uma perspectiva crítica, podemos destacar que os referidos questionamentos, materiais educativos e atividades propostas têm a potencialidade de promover não somente atividades de escrita, leitura e interpretação das informações, mas também de discussões com potencial emancipatório, considerando os pontos em pauta.

Essas ações, desse modo, configuram-se como práticas de letramento em um evento de letramento crítico. Isso porque, como destacamos, o diálogo instaurado e promovido, por meio desses textos, frente ao diversificado público e, conseqüentemente, às diferentes realidades de cada margarida, possibilita tanto a troca de diferentes experiências e vivências, quanto o engajamento e a criticidade na luta por melhores condições de vida e trabalho.

Nessa perspectiva, cabe destacar um outro material exposto durante a oficina e que também

contribuiu para a discussão dessas temáticas, dessa vez de modo poético/lúdico. Trata-se da cartilha de músicas da Marcha das Margaridas 2023 (figura 10), igualmente disponibilizada na internet para conhecimento geral e possível auxílio durante a entoação das letras na Esplanada dos Ministérios, na manifestação.

Figura 10 - *Print* da cartilha de músicas da Marcha das Margaridas 2023



Fonte: Site da CONTAG (2025)<sup>7</sup>.

Para essa atividade, outros agentes de letramento se fizeram presentes e contribuíram com discussão, a exemplo de algumas educadoras populares da Escola Nacional de Formação da CONTAG (ENFOC) que realizaram o ensaio de algumas dessas cantigas, exemplificadas abaixo:

**O CANTO DAS MARGARIDAS** *Olha Brasília está florida / Estão chegando as decididas / [...] Somos de todos os novelas / De todo tipo de cabelo / Grandes, miúdas, bem erguidas / Somos nós as Margaridas / Nós que vem sempre suando / Este país alimentando / Tamos aqui para lembrar / Este país tem que mudar! / [...] Água limpa sem privar / Sede de todos acalmar / Casa justa pra crescer / Casa justa pra crescer / Saúde antes de adoecer / Terra sadia pra lucrar / Canja na mesa no jantar / Um mínimo para se ter / Um mínimo para se ter / Direito à paz e o prazer / E dentro e fora punição / Pra quem abusa do bastão / Do ser patrão, do ser machão / Não pode não, não pode não [...] (Música e letra: Loucas de Pedra Lilás).*

**A MARCHA DAS MARGARIDAS** *Melhor morrer na luta do que morrer de fome / Da luta eu não fujo / Margarida é o meu nome / Vejo margaridas no jardim / vejo margaridas na missão / na luta por justiça e igualdade / por terra, teto, território e pão 2x / margaridas dos campos / margaridas das florestas / margaridas das águas / margaridas das festas /entre dalias e rosas / brancas, negras, amarelas / margaridas, mariellas / como nunca a gente viu / vão bordando avenidas / pro jardim das novidades / para florir a liberdade / nos botões do meu Brasil (Letra: Emerson Sbardelotti / Música: Carlos Papel).*

Essas canções destacam, por meio da linguagem musical, a diversidade étnico-racial do público que compõe o movimento, como notamos em alguns dos trechos grifados: “Somos de todos os novelas / De todo tipo de cabelo / Grandes, miúdas, bem erguidas” e “brancas, negras, amarelas / margaridas,

<sup>7</sup> Disponível em: <https://ww2.contag.org.br/documentos/pdf/17938-2235587-caderno-de-mu%CC%81sicas-2023-1.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2025.

mariellas”.

No último caso, podemos interpretar como intertextualidade a referência não somente à Margarida Maria Alves, figura central do movimento, mas também à Marielle Franco, mulher, política, feminista e ativista social, assassinada por apresentar seus posicionamentos políticos e ideológicos abertamente e lutar pelos direitos das mulheres e das classes mais estigmatizadas.

Além disso, essas canções também evidenciam os porquês de se permanecer em luta, o que inclui a garantia dos direitos por saúde, água e saneamento básico, alimentação, terra e moradia digna, pautas presentes em todas as falas e documentos elaborados pelo movimento, analisados até aqui. As discussões da cartilha 8, nesse caso, se fazem presentes nessas letras musicais, como em: “Terra sadia para lucrar” e em “a luta [...] por terra, teto, território”.

Já em “Nós que vem sempre suando / Este país alimentando / Tamos aqui para lembrar”, observa-se o posicionamento e a afirmação dessas mulheres enquanto trabalhadoras rurais que contribuem com o setor econômico do país e põem o alimento na mesa do brasileiro. Essa consciência é muito importante, tendo em vista que, em muitos casos, não há valorização e visibilidade do trabalho desenvolvido por elas, por isso a necessidade constante de lembrar, principalmente àqueles que desenvolvem às leis trabalhistas e políticas públicas de incentivo ao meio rural.

Essa forma de apresentação e exposição dessas temáticas, de modo artístico, possibilita a sistematização das opiniões e pautas do movimento e, conseqüentemente, das mulheres que o integram, não à toa foi umas últimas atividades realizadas no evento em questão. Assim, o que foi apresentado por meio das cartilhas, discutido na roda de conversa e nas demais exposições desenvolvidas nessa preparação para a marcha, foi entoado pelas mulheres seridoenses, presentes na referida ação, as quais iriam se juntar a milhares de outras mulheres em Brasília, durante os dias que compõem o movimento.

Desse modo, como podemos observar todas as atividades desenvolvidas, bem como os artefatos utilizados, sejam eles escritos ou orais, convergem para o tratamento crítico de temas que se fazem recorrentes para esse público, considerados socialmente relevantes.

## CONCLUSÃO

O evento em análise, neste artigo, se configura como um espaço promotor de práticas letradas com potencial emancipatório e crítico, haja vista tratar de textos que são relevantes para as participantes, em diversos âmbitos, em suas vivências em sociedade. As agentes de letramento envolvidas na ação não somente apontam e evidenciam os problemas sociais vivenciados por elas, mas as levam à reflexão sobre as diversas formas de enfrentamento, de forma legítima, respaldadas e resguardadas por lei.

As temáticas discutidas durante a oficina, desde o acesso à terra a autonomia econômica, demonstram o avanço na luta pelo empoderamento de grupos minoritários, a exemplo de mulheres

residentes em zonas não urbanas, longe, na maioria das vezes, dos centros de produção, circulação e discussão de conhecimentos científicos, políticos e econômicos.

Nessa perspectiva, o estudo dessa experiência, situada no interior do Rio Grande do Norte e reflexo de outras ações igualmente relevantes realizadas por todo o Brasil, merecem visibilidade por seu potencial transformador. Esperamos, assim, possibilitar que esses eventos de letramento crítico possam permear as discussões acadêmicas demonstrando a importância destes.

## REFERÊNCIAS

- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BARTON, David. The social nature of writing. In: BARTON, David; IVANIC, Roz (Orgs.). **Writing in the Community**. Londres: Sage, 1993. p. 15-35.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília: Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/aceso-a-informacao/legislacao/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view>. Acesso: 21 mar. 2025.
- CASSANY, Daniel; CASTELLÀ, Joseph. Aproximación a la literacidad crítica. **Perspectiva**, v. 28, n. 2, p. 353-374, 2010.
- CERVETTI, Gina; PARDALES, Michael J.; DAMICO, James S. A tale of differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical reading and critical literacy. **Reading Online**, v. 4, n. 9, 2001.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COSTA, Klébia Ribeiro da. **Letramentos na construção civil: um estudo sobre as leituras e as escritas dos técnicos de segurança do trabalho**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/29652>. Acesso em: 06 abr. 2025.
- FONSECA, Alyssandra Viana. **Letramento laboral de agricultores: cooperando saberes em práticas digitais de comercialização**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/57489>. Acesso em: 06 abr. 2025.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz (Orgs.). **Situated literacies**. London: Routledge, 2000. p. 16-33.

HEATH, Shirley Brice. Protean shapes in literacy events: ever-shifting oral and literate traditions. *In*: TANNEN, Deborah (Ed.). **Spoken and written language**: exploring orality and literacy. Norwood, N. J: Ablex, 1982. p. 91-117.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?**. MEC: Cefiel, IEL, Unicamp, 2005. (Linguagem e Letramento em foco).

KLEIMAN, Angela B. Processos identitários na formação profissional: o professor como agente de letramento. *In*: CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves; BOCH, Françoise (Orgs.). **Ensino de língua**: representação e letramento. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 75-91.

KNOBLAUCH, C. H.; BRANNON, Lil. **Critical teaching and the idea of literacy**. Portsmouth: Boynton/Cook Back, 1993.

MARINHO, Marildes. Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito. *In*: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Orgs.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 68-76.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

OLIVEIRA, Maria do Socorro; TINOCO, Glícia Azevedo; SANTOS, Ivoneide Bezerra de Araújo. **Projetos de letramento e formação de professores de língua materna**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Linguística Aplicada: suas perspectivas pós-emancipatórias bem como seus desafios à frente. **Revista da Anpoll**, v. 52, n. 2, p. 13-24, 2021. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1542>. Acesso em: 13 abr. 2025.

SILVA, Carlos Henrique da. **“Ô de casa. Com licença. Posso entrar?” São os agentes comunitários de saúde e suas práticas de letramento situadas no Programa Saúde da Família**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/49769>. Acesso em: 06 abr. 2025.

SILVA FILHO, Vidomar; RODRIGUES, Rosângela Hammes. Letramento e construção de identidade na terceira idade: um estudo de caso. **Linguagem em dis(cursor)**, v. 12, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/PDZZB43cHQNVdJv7d3Tgwrc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 abr. 2025.

SILVA, Maria Laura da. **Letramento profissional do professor**: uma análise de práticas desenvolvidas no atendimento educacional hospitalar e domiciliar. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48329>. Acesso em: 06 abr. 2025.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009 [1998].

STREET, Brian. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Adultos não alfabetizados**: o avesso do avesso. Campinas, SP: Pontes, 1988.